

Identidade intercultural em formação

Ida Maria Marins¹
PPGL | UCPel

Resumo: Este texto tem por propósito trazer à tona o movimento de construção identitária de uma professora/formadora inserida no Programa de Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF). Um Programa instituído oficialmente pelo governo federal em 2012, cuja proposta principal era a de promover a interculturalidade, pelo viés da educação, com países de fronteira com o Brasil. Partindo do entendimento de que as identidades não são fixas, ao contrário, são móveis, em constante processo de construção e estão relacionadas aos discursos e às práticas sociais em que os sujeitos estão envolvidos; trazemos, neste trabalho, fragmentos da escrita da professora/formadora, durante um período de sua formação no Programa, para que possamos perceber a influência das práticas/discursos mobilizados no PEIF na construção da identidade intercultural. O material discursivo a ser trabalhado foi retirado do diário reflexivo da docente e é analisado à luz da Teoria Bakhtiniana do discurso em interlocução com os estudos de identidade na atual modernidade e, também, com os estudos de interculturalidade. Ao analisar o material, percebemos emergir no discurso da professora o reconhecimento e a valorização das diferenças, como também o despertar da consciência de que o outro é alguém com quem aprendo, com quem posso encontrar pontos de convergência e divergência e construir um intercâmbio de culturas.

¹ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas. Professora da UNIPAMPA.

Palavras-chave: formação de professores; identidade, interculturalidade.

Title: Intercultural identity on formation

Abstract: This work has the objective to bring about the move of an identity construction of a teacher/trainer placed in the Program of Intercultural Schools of the Border (PEIF). A Program officially instituted by the Federal Government in 2012, whose main purpose was to promote interculturality through education with countries that share borders with Brazil. Understanding that the identities are not fixed, on the contrary, that they are movable, in permanent construction, and are related to the discourses and the social practices in which the people are involved, we bring about, in this text, fragments of a teacher's writings during her formation in the Program so that we may notice the influence of practices/discourses engaged in the PEIF on the construction of her intercultural identity. The discursive material was taken from the teacher's reflexive diary and is analyzed in the light of Bakhtin's Theory of discourse, the studies of identity in the modernity, and the studies of interculturality. As we analyzed the material, we observed the risen of recognition and value for the differences, also the beginning of consciousness that the other is someone I learn with, and someone I can disagree but still construct a culture exchange.

Keywords: teacher's formation; identity, interculturality.

Introdução

Nos anos de 2014 e 2015, a Universidade Federal do Pampa – campus Jaguarão, juntamente com a Secretaria Municipal de Educação e Desporto da cidade, esforçaram-se para construir um projeto de educação alicerçado nos fundamentos do Programa Escolas Interculturais de Fronteira (doravante PEIF). Esse Programa, instituído pela Portaria nº 798 de 19 de junho de 2012 – do Ministério da Educação (MEC) –, representou um marco na política do governo federal de incentivo e desenvolvimento de regiões do Brasil que fazem fronteira com países da América do Sul. Seu principal objetivo foi o de investir em uma educação intercultural com

vistas à formação integral de crianças e jovens residentes em cidades brasileiras fronteiriças com outros países. Atualmente, os países envolvidos são: Argentina, Brasil, Bolívia, Paraguai, Uruguai, Venezuela, Colômbia, Peru, Guiana e Guiana Francesa. Embora sua extrema relevância política, sociocultural e educacional para o desenvolvimento das regiões e dos grupos que dele participaram, o seu silenciamento deu-se a partir do final do ano de 2015. Apesar de várias tentativas de respostas pelos responsáveis, junto ao Ministério da Educação (MEC), sobre a sua continuidade, não obtivemos sinalizações positivas, ao contrário, uma postura negligente, que nos fez intuir a sua extinção dentro dos programas para educação do governo federal.

Contudo, interessa apresentar neste trabalho alguns resultados da pesquisa realizada durante o período em que o Programa esteve em atividade, focando o espaço Brasil/Uruguai, nas cidades fronteiriças Jaguarão/Rio Branco, respectivamente. A pesquisa teve por objeto discutir a formação da identidade intercultural de professoras que atuaram como formadoras no PEIF. Para tanto, trago, no primeiro tópico, uma discussão a respeito dos conceitos de interculturalidade e identidade, depois, apresento o percurso da pesquisa e análise, à luz da teoria dialógica do discurso, fragmentos dos discursos de uma professora em formação no PEIF, para, finalmente, tecer as considerações finais.

Por uma compreensão dos conceitos de interculturalidade e identidade

De acordo com o documento Macro Referencial de Desenvolvimento Curricular *Escuelas de Frontera* (2010), a interculturalidade pode ser entendida considerando duas questões: a) como um conjunto de práticas sociais relacionadas ao ‘estar com o outro’, compreendê-lo e produzir sentido conjuntamente. As oportunidades de trocas de experiências entre pessoas, grupos de culturas nacionais distintas, por exemplo, professores brasileiros que participam de uma atividade cultural em escola uruguaia, contribuem para entender o outro, suas representações de mundo, e isso é fundamental para ampliar os conhecimentos atitudinais, refletir sobre eles, identificar-se ou não, mas, sobretudo, contribuem para a

aproximação com o diferente; b) também, a interculturalidade é vista pela importância de conhecer *sobre* o outro, a sua história, trabalhar com as informações no âmbito dos aspectos geográficos, históricos, literários, linguísticos que possam promover o conhecimento das culturas, dando sentido à realização das práticas.

Para Catherine Walsh (2005, p.4):

[...] la interculturalidad significa “*entre culturas*”, pero no simplemente un contacto entre culturas, sino un intercambio que se establece em términos equitativos, em condiciones de igualdad. Además de ser una meta por alcanzar, la interculturalidad debería ser entendida como un proceso permanente de relación, comunicación y aprendizaje entre personas, grupos, conocimientos, valores, y tradiciones distintas, orientada a generar, contruir y propiciar un respeto mutuo, y a un desarrollo pleno de las capacidades de los individuos, por encima de sus diferencias culturales y sociales.

Para além de um conceito, a interculturalidade representa um modo de pensar e agir de pessoas, de grupos que desenvolvem a plena consciência do outro, das diferentes culturas que o constituem e as entendem como um valor a ser reconhecido, respeitado, legitimado. Significa construir um sentido de humanidade que transcende ao mero tolerar enquanto estratégia de aceitação, evitando os conflitos inerentes aos processos de humanização e construção das identidades. Ao contrário, os grupos desejam compartilhar conhecimentos, valores, atitudes, desenvolver aprendizagens mútuas mesmo que para isso sejam necessárias as discordâncias, a polêmica. A interculturalidade apresenta-se “nos lugares de encontro, de confronto de tradições, pertencas e identidades” (CANDAU, 2012, p.45).

Essa mesma autora enfatiza que a interculturalidade funciona como uma estratégia de favorecimento ao diálogo entre culturas, a negociações que permitam olhar o outro, na sua diferença, e com ele interagir construindo e reconstruindo novas identidades. Para Walsh (2010), a interculturalidade pode se caracterizar de diferentes formas, sendo: relacional, funcional e crítica. A relacional diz respeito às trocas que as

peças fazem socialmente através de suas práticas, tradições culturais, saberes, valores e crenças que podem ser próximas ou diferentes. Contudo, nesse intercâmbio, os conflitos são ocultados ou minimizados. A outra forma – funcional, prevê o diálogo e a tolerância entre os povos, sem considerar as causas das desigualdades sociais; exalta a produção do conhecimento a partir do modelo neoliberal, dando potência aos saberes que passam a ser universais. A interculturalidade crítica é um projeto que visa a dar visibilidade e poder aos cidadãos em suas formas de ver o mundo e o outro, o que contrasta com a perspectiva funcional.

Compreendemos, a partir dessas noções, que a perspectiva intercultural como concepção para um modo de ser e agir em sociedade, possibilita a construção de um espaço alternativo de convivências. Espaço formado pelo intercâmbio de experiências de forma dialogada, respeitosa entre os diferentes, pelas interpretações de mundo individuais e, ao mesmo tempo, de todos conjuntamente com o propósito de descobrir um lugar de convivência com a diferença e de estratégia de dar voz a todos indiscriminadamente.

A ideia de criação de um outro espaço construído a partir do intercâmbio de diferentes culturas pode ser encontrada em diversos trabalhos por aqueles que discutem os modos de vida de diferentes grupos e a sua convivência no mundo contemporâneo. Bhabha (1998), por exemplo, apresenta a ideia de ‘espaços híbridos’ e suas diferentes formas. Para o antropólogo indiano, o intercâmbio de diferentes culturas implica sempre uma negociação complexa marcada por experiências, as quais incitam a categoria de ‘terceiro espaço’ ou ‘entrelugar’. Nesses espaços híbridos articulam-se elementos antagônicos, divergentes, conflituosos que permitem as intervenções, as trocas e diálogos, a experiências interculturais. Azibeiro (2003, p.93), ao comentar Bhabha, destaca:

A miscigenação, ou *hibridismo*, passa a ser entendida como processo inerente às interações e ao jogo de forças. As tradições e os valores são recriados, reconstruídos de modo dinâmico e flexível, [...] tal como um organismo vivo. É esse o espaço liminar, fronteiro, polifônico da *intercultural*. Entendemos *intercultural* como os espaços e processos de encontro-confronto dialógico,

entre as várias culturas, que podem produzir transformações e desconstruir hierarquias. É esse o *entrelugar* no qual todas as vozes podem emergir, manifestar-se, *in-fluir*- se assim podemos caracterizar a inclusão dos diversos fluxos, das inúmeras teias de significados.

Entendemos que esse *entrelugar* é um espaço de confrontos, de tensões, longe de uma possível neutralização dos significados, ao contrário, um lugar da negociação-troca por vezes polêmica, divergente e também convergente. Nas palavras de Mendes (2008), desejar esse outro lugar não significa abandonar as nossas identidades, mas ir em busca de um espaço em que a minha existência e a do outro interajam e estimulem compreensões mútuas.

Um lugar onde as oposições binárias do tipo paulista/baiano, índio/branco, padrão/não padrão, rural/urbano, sul-americano/europeu, brasileiro/alemão, português/inglês, falante nativo/falante não nativo, L1/L2 não representem fronteiras intransponíveis, nos limites dos quais sempre um dos lados é o território do estranho, do estrangeiro (MENDES, 2008, p.75-76).

Candau (2012), ao trabalhar o conceito de interculturalidade, faz referência a autores que o discutiram inter-relacionado ao multiculturalismo. Para Forquin (2000), por exemplo, tratar do multiculturalismo significa pensá-lo sob dois vieses: o descritivo e o prescritivo. O primeiro traduz a realidade multicultural das sociedades; a coexistência de grupos étnicos, línguas, valores e crenças plurais. O segundo viés, relaciona multiculturalismo e educação, enfatizando que um ensino verdadeiramente multicultural deve ser aberto e interativo, podendo ser considerado intercultural. Isso significa a escola favorecer o encontro, reencontro e a interação entre pessoas de identidades culturais distintas, atentando às implicações que essas interações podem gerar como promessa de ampliação de suas perspectivas, sem desconsiderar os conflitos inerentes aos processos intersubjetivos.

A autora francesa Addallah-Pretceille (2001), também mencionada por Candau, aborda que trabalhar numa perspectiva intercultural implica

considerar processos de interação. A interação é elemento fundamental da interculturalidade e cujo foco está no *outro* e não na sua cultura.

Para Candau, o multiculturalismo representa um fato das sociedades, ou seja, vivemos em sociedades multiculturais, contudo, é preciso discutir as posições que os sujeitos tomam frente aos fatos. A autora defende que é necessário conceber as culturas como “fenômenos dinâmicos em constante processo de construção, desconstrução, reconstrução e ‘hibridização’, colocando ênfase nas ‘fronteiras’, nos lugares do encontro e do confronto de tradições, pertencas e identidades” (CANDAU, 2012, p.45). As identidades, enquanto processo permanente e inacabado, estão entrelaçadas às culturas, aos modos de ser, pensar e agir nas sociedades, que se modificam ao longo da história.

Moita Lopes (2002), em seu livro “Identidades fragmentadas”, argumenta que as nossas identidades sociais são construídas em práticas discursivas situadas na história, na cultura e nas instituições. É através do discurso, sempre aberto à negociação de significados, que os sujeitos constroem a realidade social e a si mesmos. Disso decorre compreendermos que as identidades, sejam elas de gênero, classe social, étnico-racial, profissional, etc. estão sempre em processo, nunca concluídas, pois dependem da realização discursiva, dos significados construídos em circunstâncias particulares.

O mesmo autor chama atenção para a interação e as relações de poder que permeiam as identidades. É com base na representação que construímos do outro quando em interação que nos posicionamos, nos compomos de formas diferentes. Esse outro, ocupando uma posição superior na hierarquia das relações, estará mais apto a definir o que somos, “mais apto a definir a construção social do significado, exercendo, portanto, poder na construção social das nossas identidades” (MOITA LOPES, 2002, p.35). As identidades são múltiplas, visto que as mesmas pessoas são inseridas nas mais diversas práticas discursivas que as compõem. Isso não significa dizer que os sujeitos são submissos aos discursos impregnados de poder, os quais tendem a moldar nossas identidades. Elas podem, como já alertara Silva (2000), ser questionadas.

“As identidades estão sujeitas a mudanças, isto é, podem ser reposicionadas” (MOITA LOPES, *op.cit.*, p.37).

Trazendo a perspectiva dos Estudos Culturais para desenvolver o tema da identidade, encontramos (HALL, 2000; 2006) a noção de sujeito pós-moderno visto como fragmentado, descentrado e composto por várias identidades. Nessa concepção, as identidades são construídas e reconstruídas no interior das representações e das práticas sócio-culturais-discursivas, entendidas como sistemas simbólicos móveis e produtores de sentidos. As mudanças nas representações são resultado das transformações relativamente rápidas das instituições na atual modernidade; o que gera, segundo Hall, um sentimento de instabilidade perturbadora diante do próprio processo de identificação em relação as nossas identidades culturais, profissionais. As identidades tornam-se uma “celebração móvel” (2006, p.13) formadas e transformadas continuamente. São cambiantes, negociadas a partir das formas como somos interpelados pelas condições sociais em que estamos inseridos. Assim, identificar-se com uma profissão, por exemplo, dependerá das representações construídas aliadas aos sistemas/práticas culturais ao nosso redor.

O processo de identificação é, pois, visto como algo nunca acabado. O sujeito pós-moderno não tem mais uma identidade fixa como imaginavam os iluministas em sua definição de homem – ser unificado desde o nascimento até a morte –; nem dotado de uma essencialidade, o que fora proclamado pela sociologia clássica, que atribuía a ideia de uma essência do ser possível de ser transformada quando em contato com o mundo exterior. “As velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o sujeito moderno” (HALL, 2006, p.7). Elas são, na atual modernidade, “resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação” (SANTOS, 2005, p.135). Ainda segundo Hall, nessa nova concepção, as identidades são multiplamente construídas ao longo dos discursos, nas práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas (HALL, 2000, p.109).

Construir uma identidade de formador ou mediador intercultural como tem sido definido o papel que o professor assume no processo ensino/aprendizagem com vistas a promover o diálogo, a integração entre os diferentes, requer que esse professor desenvolva um modo de enxergar o outro, o diferente, com um olhar culturalmente sensível (MENDES, 2008). Isso parece ser possível à medida que os professores se engajem em ações que oportunizem, primeiro, a tomada de consciência da sua própria identidade cultural, situando-a em relação às diferentes práticas sociais/culturais permeadas, também, pela cultura do outro. É “desvelar o daltonismo cultural” (CANDAUI, 2012, p.75).

O termo *daltonismo cultural*, cunhado por autores portugueses, é usado para marcar as formas de ocultação inconsciente ou não das diferentes culturas que estão ali convivendo mutuamente nos espaços sociais. No caso de professores e alunos brasileiros em situação de interação dentro do próprio espaço escolar com outros professores e alunos uruguaios, é primordial trabalhar no sentido de desconstruir a tendência de naturalizar as atitudes, os modos de viver entre os diferentes e passar a problematizar e desejar o desafio para desenvolver uma outra perspectiva de educação. Nas palavras de Candau:

Ter presente o *arco-íris*² das culturas nas práticas educativas supõe todo um processo de desconstrução de práticas naturalizadas para sermos educadores/as (e eu diria, *mediadores interculturais – grifo meu*) capazes de criar novas maneiras de situar-nos e intervir no dia a dia de nossas escolas e salas de aula (CANDAUI, 2012, p.76).

Após discorrer sobre algumas compreensões em torno dos fenômenos da interculturalidade e identidade, destacamos o nosso

² O termo *arco-íris* foi utilizado pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos em referência ao multiculturalismo. Para o autor, o mundo é um “arco-íris de culturas” (Santos, 1995).

interesse em focar a educação intercultural e suas implicações na construção de identidades profissionais híbridas. Partimos, pois, da afirmação que a interculturalidade “afeta a educação em todas as suas dimensões, favorecendo uma dinâmica de crítica e autocrítica, valorizando a interação e comunicação recíprocas, entre os diferentes sujeitos e grupos sociais” (CANDAUI, 2012, p.45). Isso, por certo, mobiliza a produção de identidades abertas, móveis, em permanente processo de construção.

Caminhos da pesquisa

Dentre as diferentes atividades realizadas no PEIF, no percurso compreendido nos anos 2014 e 2015, apresentamos o trabalho de pesquisa realizado durante esse período. Na condição de pesquisadora do Programa e também formadora das professoras³ envolvidas nas ações, tivemos a oportunidade de acompanhar de perto os diversos movimentos realizados por essas professoras. Cabe destacar que coube à Universidade, como um dos objetivos do Programa, promover a formação continuada dos profissionais da Educação Básica, com vistas a garantir o entendimento e comprometimento dos atores das escolas em relação ao desenvolvimento de um currículo intercultural. Dentre outras atividades coube, também, desenvolver a pesquisa e produzir material produto das formações pedagógicas com as formadoras (professoras) e com as escolas.

O tema da interculturalidade foi introduzido nas escolas participantes do PEIF através de uma série de eventos de formação continuada. Nesses eventos, discutimos conceitos, ouvimos diferentes vozes, interpelamos e fomos interpelados por discursos de natureza teórico-científica e teórico-metodológica, através de autores filiados à antropologia, à sociologia, aos estudos culturais e à educação. Nesse processo interativo, materializado nas práticas, nos momentos de formação ocorridos ao longo de um período de tempo significativo, vislumbramos investigar processos da construção identitária do grupo de

³ O grupo de profissionais que participou na condição de formadores de seus pares nas escolas foi composto por professoras, exclusivamente.

professoras formadoras, as quais estiveram inseridas e profundamente envolvidas nas ações de formação. Para tanto, definimos que o material de pesquisa seriam os diários de campo. Esses diários começaram a ser elaborados desde o início das atividades, quando as formadoras da universidade e as formadoras das escolas se reuniam para preparar as formações junto às escolas.

Registrar e refletir sobre as práticas e interlocuções, que se deram através de diferentes atividades: oficinas, palestras, grupos de estudo, etc., foi o modo que encontramos para significar e re(significar) nossas compreensões em torno do tema da interculturalidade e o da identidade de mediadoras interculturais. Após um conjunto de atividades, solicitamos às professoras a entrega dos diários de campo com o propósito de tê-los como material de pesquisa, o qual foi concedido e autorizado para que pudéssemos trabalhar com os seus textos em nossas produções. Nosso objetivo, nesse trabalho, é o de buscar compreender o processo de construção da identidade de formadora (ou mediadora) intercultural flagrado nos discursos de uma professora.

Para a análise, nos valem os fundamentos da Teoria Dialógica do Discurso (TDD). Nessa teoria, temos o discurso (enunciado) como categoria de análise para a compreensão das questões que envolvem as atividades da vida humana. Além do mais, sabemos que na perspectiva dialógica todo enunciado vem sempre carregado de índices sociais de valor que marcam as posições dos sujeitos e permeado por um conjunto de vozes presentes, passadas e futuras que dão vida e sentido à língua e às próprias práticas. Desse modo, empreendemos um esforço de análise para compreender os sentidos instaurados no material discursivo selecionado, estabelecendo com ele um diálogo e focalizando, em alguns momentos, marcas linguístico-discursivas que evidenciem acentos de valor como também as tantas vozes que circulam no tecido social.

Para tanto, cabe ao pesquisador assumir uma atitude responsiva ativa diante dos enunciados para com eles dialogar. Ou, como melhor esclarece Brait (2002, p.41), o pesquisador precisa estabelecer:

[...] um contato dialógico com o *corpus* selecionado, um *continuum* cujo acabamento, mesmo que visível, é sempre inconcluso, participa de uma dinâmica permanente que interroga permanentemente o analista e o obriga a buscar, até mesmo em outras disciplinas, conceitos, noções, que possam ajudar na análise da complexa relação existente entre as atividades humanas e as atividades discursivas a elas feitas.

Assim, tecemos um diálogo com conceitos da TDD juntamente com perspectivas teóricas no campo da educação intercultural e com os estudos de identidade, os quais permitirão melhor compreender o *corpus* selecionado.

Partindo do entendimento de que as identidades não são fixas, ao contrário, são móveis, em constante processo de construção e estão relacionadas às práticas sociais em que os sujeitos estão envolvidos; trazemos, a seguir, fragmentos da escrita de uma professora/formadora, durante um período de sua formação no Programa para que possamos perceber a influência das práticas discursivas, mobilizadas no PEIF, na construção da identidade profissional intercultural. O material discursivo a ser trabalhado foi retirado do diário de campo realizado pela professoras e é analisado à luz da Teoria Bakhtiniana do discurso em interlocução com os estudos de identidade na atual modernidade e, também, com os estudos de interculturalidade.

Para Bakhtin:

Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (da mãe, etc.), e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente através dos outros (2011, p.373).

A consciência é um fenômeno social, mediado pela linguagem. Ela vai constituindo-se no fluxo da interação entre muitas vozes carregadas de valor. Dessa compreensão, temos que nossa identidade é constituída pelo conjunto de relações das quais participamos em sociedade – relações que se dão, eminentemente, pelas vias discursivas.

Identidade intercultural em formação: por uma análise

Trazemos fragmentos dos diários reflexivos da professora/formadora para que possamos analisar, no seu discurso, pistas que evidenciam o movimento de construção de sua identidade profissional intercultural.

A professora faz referência a um grupo de estudos organizado pela equipe do PEIF com o objetivo de aprofundar conceitos em torno do tema da interculturalidade. O grupo se reunia semanalmente: lia os textos, discutia e tecia considerações. No relato, a professora menciona:

O texto destaca que é importante e urgente trabalharmos questões relativas ao reconhecimento e valorização das diferenças culturais nos contextos escolares; também salienta que a escola precisa ser reinventada; ela está hoje desafiada por questões que exigem novas atitudes, inquietações, avanços e que a partir de um enfoque intercultural existe a necessidade de construir um processo de resignificação da Didática. Esses aspectos puderam ser confirmados ao discutirmos situações cotidianas dentro do espaço escolar e que hoje são desafios que temos e até o momento sem uma solução mais concreta. Sabemos que existe a necessidade de novas estratégias mas quais? Como? Pra quem? Questões inquietantes para quem participa de um programa intercultural e ao mesmo tempo uma possibilidade de resignificar a escola com as atividades do PEIF.

Vem à tona a consciência da necessidade de um trabalho voltado ao reconhecimento e ao respeito às diferenças nos espaços escolares. Além disso, a professora também destaca os desafios colocados à escola no sentido de reinventá-la, resignificar as práticas trazendo como possibilidade a interculturalidade. Ao relatar os sentidos atribuídos a sua leitura, embebida por discussões, percebemos o entendimento da professora traduzido na problematização: *“Sabemos que existe a necessidade de novas estratégias mas quais? Como? Pra quem?”*. Esses questionamentos indicam o conflito necessário à desacomodação e às novas aprendizagens. Ao mesmo tempo que parece não haver respostas prontas, concretas; as questões levantadas mobilizam sentidos em torno

da proposta do Programa, provocando a reflexão, o ato de enxergar a possibilidade de ressignificar a escola através de atividades permeadas pela interculturalidade, planejadas no PEIF. Retomamos Candau (2012), ao enunciar que para sermos educadores transformadores, criadores e recriadores das realidades pressupõe a desconstrução do que está naturalizado – esse é o caminho proposto pelo PEIF e que a professora vai legitimando em seu discurso.

No uso dos termos *ressignificação da Didática*, e mais adiante *ressignificar a escola*, entendemos que a professora denuncia, de algum modo, as condições em que a escola vive. Apesar das políticas governamentais que se sucedem na história, a esfera escolar parece resistir e não abrir mão das velhas tradições. No ato de ressignificar está implícito a abertura ao novo, a correr riscos nem sempre previsíveis, a mudar o *modus operandi*. E, nesse caso, das escolas participantes do PEIF, apostar na interculturalidade como um modo inovador de pensar o currículo e as práticas educacionais.

Em outro momento do seu diário, notamos, na fluidez do discurso, a compreensão das possibilidades do agir em prol de uma escola intercultural:

A questão, dar visibilidade às culturas é uma tarefa complexa e para que ela ocorra conhecer os sujeitos e o contexto no qual ocorrerão as ações torna-se imprescindível para alcançarmos os objetivos aos quais nos propusemos. Dar um significado ao que fazemos, aos lugares que estamos, as pessoas com as quais nos relacionamos é poder ampliar horizontes o que se torna mais rico em uma região de fronteira. Devemos buscar pontos de encontro onde possamos nos ver melhor e assim tornar possível a interculturalidade acontecer nesses espaços de convivência.

Assumir a complexidade do trabalho com as diferentes culturas e, em especial, com a cultura do outro “estrangeiro” meu vizinho, depende de abertura para compartilhar atitudes, conhecimentos, num processo de negociação cultural. Para a professora, o movimento de significar as ações, os lugares e as pessoas com quem interagimos torna-se fundamental para alargar nossa percepção, permitindo “ver melhor” e construir um espaço

de trocas, de perceber as semelhanças e diferenças entendendo-as como possibilidade de um projeto que tenha o foco na interculturalidade. Esse discurso nos permite prever que a professora está aberta ao diferente, a uma identidade em construção, móvel e cada vez mais híbrida por que reconhece no outro, o “estrangeiro”, a possibilidade, através da interação, de ampliar os horizontes (desfazendo o daltonismo cultural), abrindo-se para uma proposta mais democrática e humana de educação.

Considerações

Após fazermos uma análise sobre o modo como percebemos o processo de construção da identidade intercultural da professora, encontramos algumas pistas que indicaram essa construção. O reconhecimento e valorização das diferenças, pressuposto para investir no diálogo entre as culturas, como também a consciência de que o outro é aquele com quem aprendo, com quem posso encontrar pontos de encontro a fim de construir um intercâmbio de culturas e promover a interculturalidade. As identidades são pontos de apego temporário, como nos diz Hall (2002), às posições de sujeito que assumimos em determinado contexto e período da história e estão relacionadas às práticas com as quais interagimos. Nesse sentido, a construção de uma identidade como mediadora intercultural irá fortemente se constituir nos espaços de formação/ação que demandem o diálogo entre os diferentes, favoreça a ruptura com determinadas práticas escolares homogeneizantes e consigam desenvolver a consciência sobre os processos de entrecruzamento de culturas.

Diante do exposto, percebemos que o trabalho realizado desde o início do PEIF: encontros de formação continuada pelos membros do Programa, na UNIPAMPA; formação dos professores das escolas para que se sentissem melhor preparados para pensarem e executarem projetos de aprendizagem diferenciados no eixo da interculturalidade, assim como seus desdobramentos, foi crucial para o despertar de uma consciência crítica dos atores envolvidos que passaram a reconhecer e valorizar a presença do *outro* em seu mundo com suas culturas. Esse sentimento de

reconhecimento e valorização foi traduzido pelas tantas práticas desenvolvidas por todos os atores que participaram do Programa. Se um dos nossos objetivos foi o de fomentar o respeito, o diálogo com as diferentes culturas que envolvem o espaço fronteiriço – Jaguarão/Rio Branco – cremos que avançamos, pois conseguimos instaurar o desejo de fortalecimento de uma política de integração através dos elos, mesmo que sutis, estabelecidos entre os dois países pelas vias da educação.

Apesar do PEIF ter sido interrompido pelo governo federal desde o início de 2016, enquanto política de fortalecimento das relações entre países da América Latina pelo viés de uma educação intercultural, as escolas muito incorporaram o sentido da interculturalidade considerando o espaço de fronteira onde se situam. Tivemos conhecimento de outras ações ocorridas ao longo de 2016, como a Mostra Intercultural que envolveu todas as escolas municipais de Jaguarão com o propósito de dar seguimento ao trabalho iniciado – um compromisso que a Secretaria da Educação local tomou para si. Acreditamos que as discussões, os projetos realizados possibilitaram grandes experiências, estreitaram as relações através da abertura ao diálogo e desenvolveram muitas aprendizagens. O desejo é continuar formando-nos na interculturalidade.

Referências

- ADDALLAH-PRETCEILLE, M. *La educación intercultural*. Barcelona: Idea Books, 2001.
- AZIBEIRO, N. Educação intercultural e complexidade: desafios emergentes a partir das relações em comunidades populares. In: FLEURI, R. (org.). *Educação intercultural: mediações necessárias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.85-107.
- BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 7.ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi. São Paulo: Ed. Hucitec, 1995.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BRAIT, B. Perspectiva dialógica, atividades discursivas, atividades humanas. In: SOUZA-E-SILVA, M. C. e FAÏTA, D. (orgs.). *Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002. p.31-44.
- CANAU, V. M. *Didática crítica intercultural: aproximações*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

- FORQUIN, J-C. O currículo entre o relativismo e o universalismo. *Educação e sociedade*. Campinas: Cedes, vol. XXI, n.73, dez, 2000.
- HALL, S. Quem precisa da identidade? Trad.Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p.103-133.
- MENDES, E. Língua, cultura e formação de professores: por uma abordagem de ensino intercultural. In: MENDES, E.; CASTRO, M. L. *Saberes em Português: ensino e formação docente* (orgs.). Campinas, SP: Pontes Editores, 2008, p.57-77.
- MERCOSUL. *Escuelas de Frontera* – Documento Marco Referencial de Desarrollo Curricular, 2010. Disponível em: <http://edu.mercosur.int/es-ES/documentos-categoria/finish/14-educacao-basica-educacion-basica/456-marco-multirreferencial-escuela-de-frontera.html>. Acesso em 10 jul. 2016.
- MOITA LOPES, L.P. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- SILVA, T.T. A produção social da identidade e da diferença. In: Silva, Tomaz Tadeu da. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p.73-102.
- WALSH, C. *La interculturalidad em la educación*. Ministerio de Educación. Lima – Peru, 2005.
- _____. Interculturalidad crítica y educación intercultural. In: WALSH, C.; VIAÑA, J.; TAPIA, L. *Construyendo Interculturalidad Crítica*. Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello. Bolivia, 2010.